



Fundação Telefônica exporta Minha Terra

Programa será transformado em um projeto global dentro da nova configuração do portal EducaRede, unindo conteúdos do Brasil, Espanha, Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Colômbia e México. — P16

Agência de notícias escolar para exportação

Fundação Telefônica vai levar programa de aprendizagem colaborativa Minha Terra, criado no Brasil, para sete países

Regiane de Oliveira

roliveira@brasileconomico.com.br

A Fundação Telefônica vai exportar um de seus programas de maior sucesso, o Minha Terra. Trata-se de um projeto de aprendizagem colaborativa, que no ano passado reuniu 8,5 mil alunos e professores de 1,3 mil escolas públicas de 21 estados brasileiros.

O programa vai se transformar em um projeto global da empresa, dentro da nova configuração do portal EducaRede, que une conteúdos em oito países: Espanha, Brasil, Argentina, Chile, Peru, Venezuela, Colômbia e México.

Na prática, o que está sendo exportado é a proposta de transformar as escolas participantes em agências de notícias, geridas por professores e cujo trabalho e produção de textos fica por conta dos próprios alunos. "Há reunião de pauta, onde são discutidos os temas. As equipes de reportagens saem a campo, pesquisam, entrevistam e transformam o conteúdo em reportagem", explica Cláudio Viana, responsável pelo desenvolvimento de projetos da EducaRede, que conta com parceria do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

Ô Minha Terra foi lançado há quatro anos com o objetivo de valorizar a diversidade cultural do lugar onde vivem as crianças e os jovens, discutindo temas que ajudem a apropriar conceitos do letramento digital, de pesquisa e publicação. "Escola não é só onde se aprender a ler, escrever, fazer conta. Ela tem de ensinar a ser, tornar-se um cidadão responsável", afirma Sérgio Mindlin, presidente da Fundação Telefônica.

As matérias, como são conhecidas as reportagens no jargão jornalístico, são publicadas no portal e ficam a disposição dos participantes. De acordo com Viana, os temas são escolhidos por uma equipe profissional, com foco para o desenvolvimento sustentável. "Trabalhamos como uma rede social, experimentando ferramentas das web 2.0, como o twitter. E também incentivando ações de intervenção social e provocando as escolas para entrarem nos projetos", diz.

Provocar ações

A função de provocar, aliás, é uma das mais complexas e necessárias do programa. O Minha Terra busca tirar não só alunos da inércia e incentivar o aprendizado, ele dá instrumentos para que os professores consigam despertar o interesse nas crianças e jovens. "Boa parte dos professores foi formada em um contexto onde os novos instrumentos tecnológicos não existiam. Hoje a

moçada usa celular, videogame, TV, internet. Deixar tudo isso de fora da escola só cria um ambiente cinzento, que não estimula a aprendizagem", afirma Mindlin.

Ações que movem a sociedade

Viana conta muitas ações bem-sucedidas que nasceram das atividades do programa. "Tudo começou contando as coisas boas da Minha Terra, hoje o foco são as questões que ajudam a melhorar essa Terra", explica Viana. "Uma escola, após desenvolver trabalhos sobre a coleta de lixo eletrônico, descobriu que em sua região não havia nenhum posto de coleta. E transformou seu espaço em posto de coleta", diz.

O projeto quer discutir neste ano temas como: qualidade de vida, valores humanos (solidariedade e respeito), esporte e cultura, eleições e questões de segurança na internet. "A criança sente a necessidade de salvar o planeta e temos de incentivar isso", afirma Mindlin.

De acordo com ele, a internacionalização do projeto ainda depende da adesão de escolas e estudantes de outros países. O segredo para despertar o interesse neste novo público, de fato, não existe. "Queremos que o projeto seja global, mas como vamos fazer isto ainda não sabemos", diz. "É como diz Pablo Neruda: o caminho se faz ao caminhar. Não temos receita, vamos experimentar." ■

QUATRO PERGUNTAS A...

Marcela Beltrão



...SÉRGIO MINDLIN

Presidente da Fundação Telefônica

Função da iniciativa privada no ensino é experimentar

Experimentar e oferecer novas soluções em educação, que sejam possíveis de serem replicadas na escola pública. Este é o papel da iniciativa privada, segundo o presidente da Fundação Telefônica, Sérgio Mindlin.

Como o senhor vê o interesse da sociedade pela educação?

O interesse pela educação aumentou brutalmente nos

últimos 10, 12 anos. O tema ficou importante. Saesp, Enem, Prova Brasil são sistemas de avaliação que mostram que as pessoas olham mais para o ensino e têm condições de cobrar resultados. Mas ainda temos um grande caminho pela frente em busca da qualidade.

Como estado e empresas podem atuar juntos na busca pela qualidade?

Universalização do ensino é papel do estado. Infraestrutura também. A iniciativa privada tem a capacidade de inovar, propor novos processos, que depois possam ser replicados em grande escala. Especialmente na área de tecnologia. Em São Paulo, a grande maioria das escolas já tem laboratórios de informática. Os investimentos para a ampliação de banda larga também estão aumentando. Isso é obra do estado. Não teríamos recursos para colocar em infraestrutura em mil escolas. E nosso papel não é resolver tudo, mas sim

fazer a experimentação que o estado não pode.

Por que é difícil para o estado experimentar?

O estado usa recursos públicos e é cobrado por isso. A iniciativa privada, por meio das fundações empresariais, utiliza seus próprios recursos. Se um projeto não der certo, a gente muda, descobre onde melhorar. O próprio Minha Terra não tem nada a ver com o projeto original. Nossa primeira ideia era fazer uma ação de capacitação de professores. Era um curso. Mas conversamos com as secretarias de educação e descobrimos que professor não aguenta mais curso. Mas aplicar a internet na sala de aula era uma ideia legal.

Muitos projetos não saem como o planejado?

Tivemos poucos projetos que não deram certo, fruto de parcerias com algumas ONGs. Nossa tendência é sempre resolver o problema dos projetos.

MODELO DE AÇÃO

- O Minha Terra é voltado para professores e estudantes do ensino fundamental e também do ensino básico.
- Os alunos desenvolvem diversos projetos, como o MT Repórter, no qual criam seus avatares (imagens virtuais) e gravam pequenas reportagens.
- Twitter, YouTube, fóruns e blogs são alguns dos instrumentos utilizados pelo Minha Terra para aproximar estudantes e professores.

A proposta é transformar as escolas participantes em agências de notícias, geridas por professores e cujo trabalho e produção de textos ficam por conta dos próprios alunos

Objetivo é valorizar a diversidade cultural, discutindo temas que ajudem a apropriar conceitos do letramento digital, de pesquisa e publicação

Foto: divulgação



Redação do futuro: alunos simulam atividade jornalística em escolas

